

Memória e Identidade - Comunidade de Nova Teutônia (SC)

Por Lori Altmann*

Resumo:

O texto apresenta uma pesquisa com imigrantes luteranos de origem germânica da Comunidade de Nova Teutônia, município de Seara/SC, que estão perdendo suas terras para a reivindicação de uma comunidade indígena. Através das teorias da memória, ligadas à História e à Antropologia, busca identificar a maneira como estas pessoas estão reconstruindo sua história na região e sua identidade étnica e religiosa numa situação de conflito e de risco de desenraizamento.

Palavras-chave:

Memória - Identidade - Imigração - História – Território.

Introdução

No decorrer da história brasileira, muitos imigrantes luteranos de origem germânica acabaram sendo instalados nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, em terras originariamente indígenas. Estes colonos, na maior parte das vezes ocupantes de boa fé, passaram a construir um discurso fantástico sobre o outro (indígena), que serviu para explicar e justificar, para si próprios e para os outros, o seu direito de ocupar e de permanecer nesses territórios. Encontramos na literatura histórica algumas destas construções narrativas¹.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB, desenvolvendo um trabalho missionário junto a populações indígenas, tanto no sul como no norte do país, através do Conselho de Missão entre Índios - COMIN, precisou lidar com esta

* Lori Altmann integra o NEPP e é doutoranda em Teologia, na área de concentração Teologia e História no IEPG, Mestre em Ciências da Religião pela UMESP e em Antropologia Social pela UFRGS. Integra o quadro de pastores da IECLB desde 1990, tendo atuado em Rondônia, Acre e Rio Grande do Sul.

¹ Cf. GANSWEIDT, Mons. Matias José. *As vítimas do bugre*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1946.

relação conflitiva entre colonos e indígenas. Nos últimos anos surgiu, no sul do país, um movimento de retomada de terras por parte de algumas comunidades indígenas que viram suas terras usurpadas ou reduzidas em épocas passadas. Diante da perspectiva da perda da terra natal, sua ou de seus antepassados, e para justificar seus direitos, muitas famílias luteranas passaram a reconstruir discursivamente a memória de sua história na região. Ao construírem narrativas, que remontam à chegada de seus antepassados ao local, resgatam simultaneamente uma identidade étnica e religiosa específica, na qual buscam a legitimação da sua presença nestes territórios.

A IECLB, em especial nos últimos anos, passou a preocupar-se com estas famílias e em como acompanhá-las e apoiá-las neste processo. Ao iniciar minha pesquisa levei a sério esta preocupação, colocando como um dos objetivos identificar de que maneira estas famílias luteranas estão elaborando esta nova situação de crise, conflito e risco de desenraizamento². E de como elas a estão expressando através de seu discurso e de sua memória, tanto pessoal quanto familiar. Ouvindo e gravando depoimentos, tenho tentado identificar, o papel desempenhado pelo resgate histórico, na reconstrução da sua identidade étnica e religiosa diante da nova realidade conjuntural que se apresenta para elas.

No Brasil, especialmente no que diz respeito aos estudos interdisciplinares da Teologia e da Antropologia, constata-se uma lacuna no registro da história oral de pequenas comunidades luteranas de área rural. A coleta de narrativas com pessoas destas pequenas comunidades, no marco da pesquisa histórica e etnográfica, vem contemplar, por sua vez, o propósito de desenvolver um pensamento crítico e criativo no campo da reflexão eclesial e histórica de uma realidade social específica. Esta pesquisa pretende considerar a comunidade em sua vivência, expansão e desenvolvimento, mostrando-a em sua inter-relação com diferentes fatores e

² Em algumas regiões os ânimos têm se acirrado dificultando até a possibilidade de realização de pesquisa. É o que ocorre na região da T.I. Araçaí, reivindicada por um grupo guarani, que incide sobre parte da área dos municípios de Cunha Porã e Saudades, no estado de Santa Catarina.

condicionamentos não apenas históricos, mas sociais e culturais. A memória histórica exercitada através das narrativas orais contribui para dar um sentido de coletividade e colabora na formação da memória e do imaginário coletivo.

1. Imigrantes luteranos e espaços ocupados - Nova Teutônia

A comunidade Luterana de Nova Teutônia apresenta características significativas para um estudo de caso, por sua história ligada à imigração e ao início da colonização na região. O distrito de Nova Teutônia, que já pertenceu ao município de Itá, faz parte atualmente de Seara e localiza-se na região oeste do estado de Santa Catarina, nas proximidades da bacia do alto rio Uruguai. Fundada em 1922, por colonos de origem alemã e prussiana, sua população foi se formando através de movimentos migratórios constituídos de vários grupos em diferentes épocas. Algumas famílias foram trazidas pela Empresa Colonizadora Luce & Rosa, com sede na época em Porto Alegre/RS,³ e encaminhadas diretamente da Alemanha para o local, enquanto outras vieram de municípios do Rio Grande do Sul, entre eles Teutônia, daí a origem do nome.

Nova Teutônia situa-se em região montanhosa com terras férteis cultivadas ou ocupadas para a criação de aves, suínos e gado. No passado densas florestas cobriam toda a região, hoje, depois de tantos anos de colonização, grande parte das matas foram cortadas restando poucas áreas preservadas. A vila inclui na sua história três igrejas, cujos templos estão situados próximos: a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil⁴ e a Igreja Católica Apostólica Romana. Hoje percebe-se uma diversificação maior deste quadro religioso.

³ Cf. SPESSATTO, Mary Bortolanza (org). *O diário de Fritz Plaumann*. Chapecó: Argos – Editora Universitária, 2001. 311 p., p. 31.

⁴ RIETH, Willy Ricardo. *Dois modelos de Igreja Luterana: IECLB e IELB*. In DREHER, Martin N. (org.). *Populações rio-grandenses e modelos de Igreja*. São Leopoldo/Porto Alegre : Sinodal/Edições EST, 1998. 340 p.

Algumas pessoas chegaram à Nova Teutônia ainda crianças, outras nasceram no local, mas todas são portadoras de narrativas, ouvidas muitas vezes de pais, mães, avôs, avós, que resgatam, através da memória, aqueles tempos antigos relacionando-os a determinados espaços e experiências do cotidiano. Maneiras de nascer, viver e morrer. Histórias materializadas em casas, galpões e túmulos. Dificuldade de garantir o pão diário no isolamento em que viviam. Necessidade de adaptação aos lugares, à cultura e às condições encontradas à época. Exercício da imaginação na fabricação de espaços e equipamentos. Prática da solidariedade, ajuda mútua e troca de favores, produtos e serviços. Adaptação de receitas e costumes, substituindo e acrescentando ingredientes⁵. A auto-suficiência, imposta pela situação, garantida por horta, árvores frutíferas, galinheiros e chiqueiros nos fundos de quintal. Solidão e escuridão nas longas noites (a energia elétrica só chegou à vila em 1970!). Estradas intransitáveis na época das chuvas e barreiras caídas aumentando a distância entre lugares e pessoas. A dureza do trabalho braçal e da longa jornada de trabalho, num lugar e num tempo em que tudo estava por fazer.

Estas famílias constroem sua memória histórica explicitando, tanto na forma como no conteúdo, a sua identidade cultural e religiosa de origem germânica e luterana. Memórias estas carregadas de um imaginário fantástico sobre a natureza hostil e sobre as populações autóctones encontradas na época da chegada delas próprias ou de seus antepassados ao local. O discurso do terror dos primórdios passa a ser identificado com animais ferozes, doenças, falta de alimentos, dificuldades na adaptação a nova realidade⁶ e, principalmente, o confronto com a alteridade, com a outra cultura.

A situação atual de conflito com uma comunidade indígena, provocada pela disputa por territórios, interfere e se explicita na narrativa histórica destas famílias de

⁵ SPESSATTO, Mary Bortolanza (org). *O diário de Fritz Plaumann*, 2001, em várias passagens entre elas a p. 48.

⁶ SPESSATTO, Mary Bortolanza (org). *O diário de Fritz Plaumann*, 2001, em várias passagens entre elas as p. 49 e 55.

imigrantes. Elas, assim como as famílias indígenas, recorrem a aspectos históricos e identitários no seu discurso atual de defesa de seus direitos.

A memória destas famílias está demarcada por elementos culturais e religiosos, que caracterizam sua identidade reconstruída historicamente. O imaginário expresso ao redor da alteridade atualmente, reporta-se aos tempos passados e a imagens de terror para dar legitimidade a argumentos ligados ao seu direito de permanência no espaço habitado.

Esta pesquisa pretende desenvolver o tema da memória na sua relação com a identidade luterana de origem germânica, através da interpretação de narrativas de antigos membros da comunidade de Nova Teutônia, realizando estudo histórico e etnográfico sobre memória coletiva e identidade a partir destas narrativas. Localizar histórica e geograficamente a comunidade e apreender como se dá a reconstrução da sua história, numa situação de disputa por terra com uma comunidade indígena. Explicitar como a identidade vai se reconstruindo através do resgate da memória e da formulação das narrativas e perceber até que ponto a memória está relacionada não só ao tempo, mas a um determinado espaço cultural, social e geográfico.

2. História nova e memória

Formulei esta pesquisa no marco da História Nova, iniciada por Marc Bloch e Lucien Febvre na França, por entender que a Nova História revelou a presença do poder lá onde a história tradicional nem sequer pensava em procurá-lo, ou seja, no simbólico e no imaginário entre outros⁷. Sigo Le Goff, que percebia a História como o exercício permanente de um certo olhar, de um certo espírito crítico, de um certo “fazer”, que a aproxima do campo das Ciências Sociais, em especial da Antropologia. O quadro teórico desta pesquisa insere-se na interface da Nova História com a

⁷ Cf. LE GOFF, Jacques (org.). A história Nova, Trad. Eduardo Brandão. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (O homem e a história) 318 p., p.4.

Antropologia, em especial a Antropologia do Imaginário e as teorias da Memória na sua abordagem interdisciplinar.

Para Halbwachs “não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia a nossa memória”⁸. Amado, fazendo a distinção entre vivência e memória, afirma que “o vivido remete à ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência”⁹. Para Portelli, a memória se fundamenta na experiência vivida e em emoções profundamente sentidas¹⁰. As lembranças não atualizam apenas fatos experienciados, mas sentimentos, emoções e sensações. Vivências carregadas de subjetividade. É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita que servirá de apoio mais tarde para a memória¹¹.

Halbwachs diz que cada grupo se divide e se restringe, no tempo e no espaço e que é no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo a lembrança de acontecimentos que não tem importância senão para elas¹². Acrescenta ainda que não são somente os fatos, mas as maneiras de ser e de pensar de outrora que se fixam dentro de sua memória¹³. A memória apresenta-se como um processo moldado no tempo histórico e seu relato também modifica-se com o tempo. A memória apresenta-se relacionada à história e ao tempo¹⁴, mas também ao espaço¹⁵.

⁸ HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória histórica. In: A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice/ Editora dos Tribunais, 1990, p. 60.

⁹ AMADO, Janaína. O grande mentiroso; tradição, veracidade e imaginação em história oral. In História. São Paulo: UNESP, 1995, v. 14, p. 131.

¹⁰ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de julho de 1940: Mito, política, luto e senso comum). In: FERREIRA, Maria de Moraes e AMADO, Janaína. (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.126 e 127.

¹¹ M. HALBWACHS. Op. cit., p. 71.

¹² M. HALBWACHS. Op. cit., p. 79.

¹³ M. HALBWACHS. Op. cit., p. 66.

¹⁴ Veja também sobre memória, espaço e tempo in M. HALBWACHS. Op. cit., p. 54, 57 e 86.

¹⁵ A. PORTELLI. Op. cit., p. 109 e 110.

A narrativa em geral traz uma referência ao passado, mas também ao presente vivido. Ela é marcada pela consciência da realidade vivida pelas pessoas hoje. O seu olhar para frente e para trás está marcado pela experiência atual. Para M. Halbwachs “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.”¹⁶. A memória com certeza é reconstruída, mas sempre seguindo determinados padrões culturais e uma trajetória de narrativas, “segundo linhas já demarcadas e delineadas por nossas outras lembranças e pelas lembranças dos outros”¹⁷.

A memória apesar de social, apresenta-se materializada num discurso individual¹⁸. E “é exatamente porque as experiências são incontáveis, mas devem ser contadas, que os narradores são apoiados pelas estruturas mediadoras da linguagem, da narrativa, do ambiente social, da religião e da política”, diz Portelli¹⁹. O contexto imprime sua marca na releitura histórica. Há, ao mesmo tempo, generalização e amplificação de significado de eventos isolados ocorridos em locais e épocas diferentes. É necessário fazer distinção entre história com limite e duração precisos e memória com limites irregulares e incertos. História que se pretende única e contínua e a que trabalha com tempo descontínuo.

Certos grupos sociais cultivam uma memória que, paradoxalmente, parece pretender conservar o passado dentro do presente, ou introduzir o presente no futuro. Estes grupos sociais, para reconstruir sua identidade étnica e social, para tomar consciência de si e da sua realidade presente, buscam na memória, como num reservatório, os padrões e os elementos que configuram o seu modo de ser. Sabem, no entanto, que a imagem que faziam de si mesmo outrora, transformou-se

¹⁶ HALBAWACHS, M. Op. cit., p. 71.

¹⁷ HALBWACHS, M. Op. cit., p. 77.

¹⁸ PORTELLI, A. Op. Cit. , p. 127.

¹⁹ PORTELLI, A. Op. cit., p. 108.

lentamente dentro do processo histórico. O essencial é que os traços pelos quais eles se diferenciam dos demais subsistam e estejam assinalados por todo o seu conteúdo²⁰.

A memória coletiva é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, sem dúvida, se desenrola no tempo, já que se trata do seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas²¹.

O resgate do passado ocorre numa linha de continuidade, onde o grupo sente que permaneceu o mesmo, apesar de eventos ocorridos e, a partir disso, toma consciência de sua identidade através do tempo. Ela se reafirma nas semelhanças mantidas e naquilo que continua a ter em comum e não nas diferenças e rupturas. Ocupa o maior espaço da memória do povo períodos de similitude e não de mudanças. A sensação é que o grupo tem realmente um caráter próprio, distinto dos outros, e que muda pouco²².

A memória, segundo Jacques Le Goff", é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia"²³.

Conclusão

A história brasileira mostra que muitos imigrantes luteranos de origem germânica foram instalados em territórios indígenas. A Igreja Luterana, que acompanhou estes imigrantes no passado, hoje defronta-se com uma realidade de conflito de direitos onde dois grupos humanos estão imbricados. A IECLB, como

²⁰ HALBWACHS, M.. Op. cit., p. 89.

²¹ HALBWACHS, M. Op. cit., p. 88.

²² HALBWACHS, M. Op. cit., p. 87.

²³ LE GOFF, Jacques. Memória e História. p. 476.

Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia
Volume 05, set.-dez. de 2004 – ISSN 1678 6408

igreja, desenvolve uma pastoral entre povos indígenas e trabalhos pastorais com comunidades de descendentes de imigrantes. Busca ser fiel ao Evangelho nas diferentes inserções missionárias e pastorais. A realidade de disputa por terra é uma situação de crise, de conflito e de sobreposição de direitos que a Igreja precisa enfrentar. Uma das formas que a Igreja está identificando é estar ao lado dos seus membros ouvindo suas narrativas e sendo sensível aos seus sofrimentos tanto passados como atuais, pois ao resgatarm sua memória estas comunidades estarão reconstruindo não apenas sua história, mas também sua identidade étnica e religiosa e seu projeto de futuro.